

“[...] a manipulação de embriões humanos, por exemplo, nunca será adequadamente compreendida se pensarmos o embrião apenas como um ser vivo a mais. Só quando olhamos, tanto para ele quanto para nós mesmos como seres humanos dotados de uma dignidade que não pode ser tirada, é que percebemos a importância de defender a vida humana.”<sup>3</sup>

**Resumo:** A pesquisa sobre a vida nascente e as questões atuais não podem ser debatidas sem que se ponha sobre a mesa de estudo a história onde de certa maneira o mesmo tema já causou inquietações. Como sabemos, a teologia, ao mesmo tempo que o conhecimento humano dos antigos – por exemplo, os cananeus e os gregos –, serviram-se da mitologia para dar explicações sobre os fenômenos e a origem de tudo. A antropologia bíblica serve-se do mito da criação no Gênesis e, quando se refere ao ser humano, ele é constituído como imagem e semelhança de Deus e com uma corporeidade. A perspectiva da doutrina cristã, num primeiro momento, não perde de vista a concepção hebraica de homem em sua unicidade, mas se vê em volta

<sup>1</sup> Mário Antônio Sanches é doutor em Teologia, professor de Teologia Moral e Bioética no bacharelado de Teologia da PUCPR, Curitiba. É coordenador do Núcleo de Estudos em Bioética e diretor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCPR. Email: m.sanches@pucpr.br.

<sup>2</sup> José Odair Vieira é graduado em Filosofia pelo Instituto de Filosofia Franciscano São Boaventura, em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, especialista em Filosofia com Ênfase em Ética, especialista em Bioética e mestrando em Teologia com ênfase em Bioética também pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Email: bioeticausc@gmail.com

<sup>3</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Texto-base Campanha da Fraternidade. p. 67.

da concepção grega, e seu dualismo sendo superado pela teologia moderna. No decorrer da teologia, a vida sempre foi concebida com grande respeito, e o seu reconhecimento, desde a dimensão embrionária, mesmo não tendo a conotação conceitual assumida, incorporado ao seu discurso nos séculos XIX e XX. Porém, não tendo o conceito de embrião, a Sagrada Escritura apresenta textos do Antigo e do Novo Testamento que contemplam a vida intrauterina. Ainda que a Sagrada Escritura não seja um texto científico, em sua estrutura esboça a dignidade que a vida requer desde seus primeiros instantes.

**Palavras-chave:** Biologia; teologia; vida nascente.

## Considerações iniciais

As questões emergentes e a discussão sobre o início da vida humana estão intrinsecamente ligadas aos temas que envolvem o avanço da biologia, como o manuseio do embrião humano, as pesquisas com células-tronco e a clonagem a partir de células germinativas, ou de células somáticas. O estudo deste tema é essencial, tanto para a biologia quanto para a teologia, porque, com o progresso da biologia na dimensão molecular, algumas concepções sedimentadas na história da filosofia, assim como da teologia, foram abaladas.

A problemática posta aqui é a discussão sobre esses avanços e outros semelhantes, repousando principalmente sobre o uso do embrião resultado da fecundação dos gametas para pesquisa científica. A resposta a tais questões não pode ser um arranjo moral que buscará ajustes. O que se pressupõe é o diálogo, compromisso social, a exposição filosófica, teológica, os valores culturais, saber ceder e saber quando é o momento de não transigir.

O progresso da biologia nos últimos tempos vem sendo mais rápido do que a absorção e incorporação na sociedade intelectual, cultural e científica. A novidade da desenvoltura da biologia tem o pendor de desafiar decisões e pressupostos de fé e outros valores tomados como definitivos. A biologia, com seu desenvolvimento, força o filósofo e o teólogo a repensar sua própria condição.

Nesta reflexão tentaremos levantar dados para que a teologia contribua para o mundo em que está imersa com a missão a partir do seu principal instrumento; as Sagradas Escrituras.

## O discurso mitológico da criação na Sagrada Escritura

Quando nos reportamos ao discurso mitológico, não pretendemos o entendimento apenas alusivo, mas entender o mito como a materialização simbólica de uma realidade inaudita conceitualmente, mas expressa pela fé. Dessa forma, observamos que os três primeiros capítulos do Livro do Gênesis são relatos que revelam Deus em seu ofício criador. Deus é a fonte da vida. Ele é a origem da vida humana e institui uma relação significativa com o ser humano.

Essa relação estabelecida pelo relato da criação do homem é precedida por uma decisão pessoal de Deus. “[...] Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, [...]”<sup>4</sup> “Façamos”, uma decisão de Deus em comunidade. O ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus. Ao ser criado sob essa perspectiva, é atribuída ao ser humano a dignidade. Nesse elemento próprio do ser humano está implícita a incorporação do respeito do humano pelo próprio humano.

Isso significa, nos termos da Sagrada Escritura, a responsabilidade do homem sobre a vida e o cuidado do próprio humano. Responsabilidade que não pode ser entendida como domínio, mas compaixão. Entre os fatos de grande importância se destaca que entre os animais não encontramos semelhante ao homem, reforçando, assim, a ideia da diferença entre os diversos seres vivos e o ser humano.

Em Gn 2,7, a criação do homem singularmente acontece em três momentos especificamente. O homem é moldado da argila, depois é proporcionado a ele o hálito da vida, *nefesh*, e depois dessa ação do Criador aquela estátua de terra torna-se um ser vivo merecedor de todo cuidado e carinho especial de Deus.

Em Gn 2,21-23, a mulher é criada. Logo é apresentada ao homem. A mulher, no versículo 23, é reconhecida pelo homem como igual, sendo superada a visão dominadora imposta sobre a mulher. “[...] Esta, sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne. Ela

---

<sup>4</sup> Gn 1,26.

será chamada ‘mulher’, porque foi tirada do homem”.<sup>5</sup> “Tirada” não traz a conotação de ser um pedaço de osso que foi transformado em mulher, mas que a mulher nasce da mesma essência humana em relação ao homem. Biologicamente falando, podemos afirmar, temos o mesmo DNA.

O homem tornou-se ser vivo quando foi soprado o espírito, o *nefeshe*. Esse termo hebraico significa a transformação de um corpo em ser humano vivo. O espírito é o ser humano inteiro.

A criação de Deus não pode ser entendida como uma montagem mecanicista, como se ao homem fosse formado primeiro o corpo e depois se tivesse posto nele uma alma. A Sagrada Escritura, na tradição hebraica, entende que, quando Deus criou o ser humano, formou-o de modo que pelo seu espírito viesse tornar-se um todo. A partir da formação do primeiro casal, a reprodução humana passou a existir, conforme Gn 9,7: “[...] sede fecundo multiplicai-vos, povoai a terra [...]”. Com esse imperativo, a reprodução humana tornou-se sagrada e tudo o que por meio dele tivesse início passa a ser merecedor de respeito, pois já em si carrega a dignidade humana. “[...] negando a dignidade a um ser da espécie humana, nega-se a dignidade a um ser humano, integralmente.”<sup>6</sup>

## A antropologia na Sagrada Escritura

Na concepção antiga, a imagem era apenas uma semelhança do ser representado. Imagem, na Sagrada Escritura, é a linguagem para exprimir a ideia de ser humano. “Nos tempos mais antigos, os santuários cananeus não possuíam imagens de deuses, mas apenas colunas de pedra (*massabot*), representando a divindade masculina, e estacas de madeira (*aserat*), representando a divindade feminina.”<sup>7</sup>

A Bíblia hebraica tem diversos conceitos para designar a palavra imagem: “*selem, te munah, tabnit*”.<sup>8</sup> No Antigo Testamento, o relato de que o homem foi criado segundo alguma divindade é uma ideia ampla na Antiguidade – particularmente entre os babilônicos. Por exemplo, no mito de Gilgamesh, como no Gênesis, Deus diz que o homem

---

<sup>5</sup> Gn 2,23.

<sup>6</sup> SANCHES, M. A. *Bioética, ciência e transcendência*. p. 101.

<sup>7</sup> *Dicionário Bíblico Teológico*. p. 176.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 717.

deve ser constituído à sua imagem (do hebraico: “como nosso *selem* ou segundo a nossa semelhança, ou também segundo nosso *dmut*”<sup>9</sup>).

Na Sagrada Escritura, aparecem outros termos que remetem ao ser humano, tais como: *Ruah*, *pneuma*, *nefeshe*, que exprimem a transcendência humana; *soma*, *basar*, *sarx*, que significam o corpo. Essas expressões designam o ser humano como totalidade. Na concepção hebraica, não existia a ideia do ser humano dual, como na concepção grega de corpo e alma, ou do dualismo da “antropologia gnóstica”.<sup>10</sup> É o que nos afirma Alfonso Garcia Rubio: “[...] os cristãos do século I possuíam uma visão unitária de homem, perspectiva herdada do antigo Israel, sobretudo da fé no único Deus criador – enriquecida pela revelação, mediante Jesus Cristo, do que significa ser humano”.<sup>11</sup>

Na criação do homem, “*selem* e *dmut* são expressões que têm o mesmo sentido e significam que o ser humano tem semelhança com Deus, como o filho com seu pai, porque recebeu do seu criador algo de divino, por isso a vida do ser humano é vista como inviolável”.<sup>12</sup> É essa semelhança relacional a fonte emergente da dignidade.

No Novo Testamento, imagem tem sempre o sentido de representação de outra pessoa. Quando São Paulo chama o homem de imagem de Deus, ele seguramente busca sua base na concepção de Gn 1,2ss.

Na Sagrada Escritura, quando o novo ser se encontra em formação intrauterina já é concebido como totalidade. Ele, no pensamento hebraico, não é visto como junção de substâncias, mas um ser único. A dicotomia dualista é concepção grega tomada para compreensão dos textos sagrados. Toda a integralidade do ser humano passa a existir no momento em que o espírito é soprado em suas narinas. O sopro nas narinas é sinal criador de Deus, expressão máxima da relação filial Deus-homem. O sopro de Deus é a representação da fecundidade do Espírito de Deus, fonte da dignidade humana.

Tomando a narrativa mitológica da criação e aproximando o discurso atual da biologia, fica claro que a narrativa não tem o respaldo desta ciência, nem mesmo o conhecimento do conceito de embrião atual – até porque não havia o conhecimento dos gametas, fato que aconteceria só em 1627, quando foi conhecido o espermatozóide

---

<sup>9</sup> Ibid.

<sup>10</sup> SOUZA, José N. O destino do homem no plano de Deus. p.36.

<sup>11</sup> RUBIO, Alfonso G. *Unidade na pluralidade*; o ser humano à luz da fé e da reflexão cristã. p. 329.

<sup>12</sup> *Dicionário Bíblico Teológico*. p. 717.

humano, pelo naturalista Anton van Leeuwenhoek, e do óvulo, em 1827, por Karl Ernst von Baer, elementos para o discurso sobre concepção e a origem da pessoa humana como um todo desde o momento da concepção. A aproximação com a concepção hebraica está na concepção unitária do ser humano, que neste caso poderá ser aplicado ao embrião. Apesar do desconhecimento desse conceito, os hebreus não tinham a distinção da vida em seus estágios, mas, desde que existisse indício de uma gestação, era concebida uma vida em sua plenitude.

Sem a base de biologia que temos hoje foram formuladas teorias que se aproximam não como conceito moderno de embrião, mas como reconhecimento da vida. Uma possível aproximação podemos encontrar na narração de Jr 1,5 “[...] eu te conheci [...]”. Outra aproximação está em Lc 1,41-44: “[...] a criança estremeceu de alegria em meu ventre”. É o reconhecimento implícito de uma vida, de algo, de alguém.

A situação de formação em que se encontra esse alguém, retornando à visão hebraica, poderá ser vista à luz da biologia como gestação do embrião, do feto, que por um longo tempo teve a questão da concepção teológica do momento da animação tardia praticamente superada pela teologia atual. Porque o conceito de alma também foi abandonado pela teologia hoje. Praticamente, é unânime que no momento da fecundação tem início um novo ser humano. Concordância expressa na teologia do Concílio Vaticano II: a pessoa humana é “unidade de corpo e alma, o homem – sua condição”.<sup>13</sup> O conceito de corpo e de alma expresso pela teologia do Concílio Vaticano II incorpora o discurso de pessoa. Em relação à mesma questão, João Paulo II, na *Evangelium Vitae*, mesmo retomando a instrução *Donum Vitae*, afirma: “desde o primeiro instante de sua existência” o “ser humano é unidade”,<sup>14</sup> e desde a “fecundação tem início uma nova vida”.<sup>15</sup> Essas afirmações carregam os princípios da concepção hebraica de ser humano e a base da biologia moderna.

## O nascituro na Sagrada Escritura

Segundo Salvino Leone, o primeiro discurso sobre o aborto teria acontecido “entre os anos 445-478 a.C., o discurso de Lísias. Dele restam alguns fragmentos. É provável que

---

<sup>13</sup> *Gaudium et Spes*, n. 41.

<sup>14</sup> Cf. *Evangelium Vitae*, n. 60.

<sup>15</sup> Cf. *Ibid.*

este texto seja o primeiro discurso histórico de uma obra referente ao estatuto do embrião humano”.<sup>16</sup>

A Sagrada Escritura, na medida em que constitui a história da salvação, busca elementos concretos para explicar as questões relacionadas à vida. A Bíblia não é um manual de biologia, por isso se serve da linguagem mitológica, como o relato da criação no Gênesis, que tem como pano de fundo mitos que descrevem o surgimento da vida servindo-se também da filosofia. Por isso a busca de elementos que exprimem a vida em seu momento inicial está delimitada pela carência do conhecimento da biologia como a temos hoje.

Num primeiro momento, temos, na Sagrada Escritura, o texto do Decálogo, precisamente o sexto mandamento: “Não matarás”. Esta sentença pode ser tomada hoje como “não destrua a vida, não a desumanize, não a torne um objeto, não a reduza”. Nas entrelinhas dos textos da literatura veterotestamentária está o substrato do cuidado e o reconhecimento do respeito pela vida, mesmo sem ter formado o conceito de embrião. Não destruir a vida pode ser tomado sem uma pontuação específica, pode ser a vida como um todo. No entanto, pode ser tomada e aplicada de modo singular à vida humana embrionária.

Mas isso não quer dizer que, mesmo sendo um escrito milenar, não seja possível identificar textos que tratam da vida no estágio intrauterino. Na Sagrada Escritura, temos, no “Livro do Êxodo, 21,22-25, a forma de reconhecimento da vida e a interpretação embriológica carregando nos seus meandros o sentido e a significação ética e jurídica”.<sup>17</sup>

Segundo Vicent Bourget,

a qualificação do aborto exigiu uma interpretação do estatuto da criança não nascida. Entre os antigos, a interpretação biológica antes da “formação” do feto, nesse sentido o embrião é reconhecido como se fosse uma “quase coisa” e, no caso de sua morte provocada, dependendo do caso, implica uma indenização financeira. Se a morte for provocada após sua formação, a vida do embrião, a pena a ser aplicada é a do talião.<sup>18</sup>

Mesmo tendo essa visão embriológica em dois momentos, é notório o reconhecimento moral e jurídico do *status* do embrião humano.

---

<sup>16</sup> SGRECCIA, E. *Identidade e estatuto do embrião humano*. p. 43.

<sup>17</sup> BOURGET, V. *O ser em Geração*;... p. 120.

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. 89.

Um segundo texto das Escrituras é o Sl 139,16. A Bíblia de Jerusalém e a Bíblia CNBB, quando falam do início da vida, expressam da seguinte forma: “Teus olhos viam o meu embrião [...]” e “Ainda embrião, teus olhos me viram [...]”. O autor fala do embrião constituído transparecendo o conceito hebraico da unicidade humana, rejeitando o dualismo entre corpo e alma mesmo na substância informe, ou seja, antes mesmo do reconhecimento morfológico. O salmo também enfatiza o amor divino ao novo ser desde os primeiros momentos, desde a fecundação.

O Livro da Sabedoria, capítulo 7,1 – nas Bíblias CNBB e Ave-Maria –, relata: “Formado em carne, no seio de minha mãe, durante dez meses tomei consistência em seu sangue”. O Livro da Sabedoria de Salomão, ao falar do início da vida, diz que o ser humano é formado com dignidade, pois, no início do versículo, Salomão identifica-se como homem que foi sendo formado delicadamente, ou seja, em todas as circunstâncias próprias da fecundação e da gestação exclusivas do ser humano atestada pela biologia moderna.

Em Jr 1,2, a consagração afirma categoricamente a ontogênese da pessoa humana e a sua dignidade desde os primeiros instantes de sua existência intrauterina. Usando a linguagem atual, diríamos desde a fusão dos gametas, quando se dá o emparelhamento cromossômico.

No Novo Testamento, o principal texto sobre a vida no seu início é a gestação de João Batista, e a do próprio Jesus Cristo, em Lc 1,43-45. Por hora, o que parece ser significativo é o momento em que “a criança estremeceu de alegria”<sup>19</sup> no ventre. A criança é o reconhecimento da dignidade humana no estágio intrauterino. Isabel se encontra no sexto mês de gestação. Fazendo relação com a biologia atual, a criança já está formada, enquanto Maria carrega em seu ventre Jesus em seus primeiros dias de formação, reconhecido por Isabel como “meu Senhor”, ou seja, é o reconhecimento de Jesus em seu estágio embrionário. Isto que esse embrião está passando pelo processo biológico e ontológico de todo ser humano. O “Verbo feito carne”.<sup>20</sup> Interpretando esta sentença à luz da biologia, hoje podemos traduzir dizendo que a Palavra se fez DNA.

Todavia, precisamos ter presente que os textos anteriores não podem ser tomados como prova do ser humano em sua dimensão embrionária. Mas podem ser tomados como

---

<sup>19</sup> Lc 1,44.

<sup>20</sup> DENZINGER, H. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. p. 648.



prova saliente do cuidado do Criador com ela. A relevância desse fato na relação Criador-criatura pode ser projeção de luzes para discussão sobre a dignidade humana e questões éticas e morais concernentes ao início da vida.

## Contexto histórico do embrião na Igreja

No início da doutrina cristã, foram formulados alguns pensamentos que tiveram por princípio subsidiar, explicar e esclarecer a vida no seu início. Como é possível perceber, nesse período já existia a preocupação por respostas sobre a vida humana no início. A *Didaqué* escrita no fim do primeiro século depois de Cristo aparece como a primeira preocupação com a dignidade moral do embrião quando afirma: “Não mate a criança no seio de sua mãe, nem depois que ela tenha nascido”.<sup>21</sup> Um segundo documento na história da Igreja, na segunda metade do segundo século cristão, a *Carta a Diogneto*, apresenta o reconhecimento da vida entre os cristãos. “Casam-se como todos os homens e como todos procriam, mas não rejeitam seus filhos.”<sup>22</sup> Mais tarde, no ano de 816, o Papa Estevão V proclama que “é homicida aquele que fizer perecer, mediante o aborto, o que tinha sido concebido”.<sup>23</sup> Essa sentença condena categoricamente o aborto e reconhece a dignidade humana do embrião.

“Dos mais antigos estoicos a Tomás de Aquino, encontram-se diferentes teorias da animação da alma, passando por outros autores e pensadores, como Plutarco, Porfírio, Gregório de Nissa, Máximo Confessor e Agostinho, para citar apenas os mais importantes.”<sup>24</sup>

Entre essas teorias, a forma primitiva que buscava alguns esclarecimentos era que a alma infusa ao corpo estaria condenada aos pecados da matéria. Essa concepção foi condenada pela Igreja no século VI. A Igreja condena toda e qualquer agressão atribuída ao corpo. Exemplo dessa postura eclesial é o ato de flagelação nas Filipinas. “Também Hilário, Ambrósio e Jerônimo defenderam que a alma estava em todo o corpo humano, mas

---

<sup>21</sup> *Didaqué*, n. 2,2.

<sup>22</sup> *Carta a Diogneto*. p. 24.

<sup>23</sup> *Concordantia discordantium canonum*.

<sup>24</sup> BOURGET, *O ser em gestação*; ..., p. 90.

ela estaria de modo particular em algum lugar específico do corpo. Santo Agostinho defendia que a infusão da alma acontecia no quarto mês da gestação.”<sup>25</sup>

“A ideia de Porfírio sustentava a hipótese de que o embrião antes de nascer não era visto como um ser vivo em ato ou em potência no sentido de que tenha recebido alma, a entrada da alma ocorreria após o parto.”<sup>26</sup> “A tomada da carne pela alma é concomitante à formação da carne do embrião, isto significa que a humanização acontece desde a fecundação: é a teoria da animação imediata da alma postulada por Máximo Confessor.”<sup>27</sup>

A alma, recebendo o ser humano no momento da concepção ao mesmo tempo que o corpo, é disposta para a completude (*simplérosim*) de um único ser humano e o corpo provém da matéria subjacente (*hypo kimenes hilés*), vindo do outro corpo no momento da concepção, recebendo ao mesmo tempo que a alma a composição (*synthesim*) que o faz ser com ela uma única figura (*eidos*).<sup>28</sup>

Para o teólogo Tomás de Aquino, o fio condutor de sua reflexão é que o embrião não é imediatamente humano, ou seja, imediatamente pessoa. Ele tem seu início na fecundação, sendo ser vivo em estado vegetativo, passa a ser um ser vivo animal e por fim recebe o espírito que o faz ser em um único ato humano e pessoa. Isso quer dizer que, na perspectiva tomista, o ser humano primeiro recebe a faculdade de crescer, num segundo momento é dada a ele a possibilidade das sensações e, por fim, a humanização, a animação tardia.<sup>29</sup> “A especulação sobre as três almas é inaceitável hoje.”<sup>30</sup>

São Gregório de Nissa não aceitava a teoria da preexistência da alma ou do corpo. Ele, com tal postura, é contra as concepções anteriores, afirmando a origem simultânea da pessoa humana. Mostra que desde o momento da existência do embrião a alma esta presente com todas as suas potencialidades, que vão sendo manifestadas na medida em que o corpo se desenvolve.<sup>31</sup>

<sup>25</sup> PESSINI, L.; BARCHIFONTAINE, C. *Problemas atuais em bioética*. p. 316.

<sup>26</sup> BOURGET, *O ser em gestação*;..., p.120.

<sup>27</sup> Ibid., p. 97.

<sup>28</sup> MÁXIMO CONFESSOR. Citado em BOURGET, *O ser em gestação*;..., p. 98.

<sup>29</sup> BOURGET, *O ser em gestação*;..., p. 100.

<sup>30</sup> SGRECCIA, *Identidade e estatuto do embrião humano*, p. 53.

<sup>31</sup> AQUINO, F. *Aborto nunca*. p. 75-76.

O Concílio de Latrão, em sua teologia, também conclui que a criatura humana é um ser espiritual e corporal por “compor-se de espírito e de corpo”.<sup>32</sup> Com o desenvolvimento da biologia celular e da microscopia eletrônica, inaugura-se um novo passo. Com essa evolução dá-se a descoberta do gameta feminino, por Karl Ernst von Baer, esclarecendo a questão sobre o material de origem do desenvolvimento embrionário. “A partir desses elementos, estruturam-se os fundamentos de que, biologicamente falando, a vida tem início não mais a partir do momento da animação especulativa, mas a partir da fusão dos gametas e do emparelhamento dos pares cromossômicos.”<sup>33</sup> A partir desses elementos, “pôde ser fundamentado racionalmente, de maneira científico-natural, que o embrião surgido do seu próprio genoma se desenvolve para um ser completo”.<sup>34</sup>

Tendo essa compreensão, a concepção antiga da animação tardia defendida pela Igreja Católica cedeu lugar a nova compreensão. “Diante de toda a compreensão e o desenvolvimento que a biologia moderna proporcionou e a sua colaboração com as ciências e de modo particular a teologia, vem de certa maneira reforçar o conceito de ser humano bíblico.”<sup>35</sup> Hoje significa seguramente que onde acontece uma fecundação se apresenta um ser humano em sua dignidade.

A teologia do Concílio Vaticano II é o que temos hoje na relação dialógica entre biologia contemporânea e teologia, afirmando os princípios simbólicos à criação e formulando o seu discurso antropológico, mostrando o valor e a dignidade do ser humano, superando o antigo dualismo helênico e o moderno dualismo iluminista, cartesiano. Na concretização do discurso contemporâneo, e instruindo-se dos elementos da biologia, a teologia afirma o aspecto unitivo do ser humano: é na “a unidade de corpo e alma” que o homem sintetiza sua “condição corporal”.<sup>36</sup> E o Papa João Paulo II reafirmou que o “ser humano é unidade”.<sup>37</sup> Outro reconhecimento da dignidade humana desde o instante embrionário é contemplado também na instrução *Dignitas Personae*: “O corpo de um ser humano, desde as primeiras fases de sua existência, nunca pode ser reduzido ao conjunto das suas células. O corpo embrionário desenvolve-se progressivamente, segundo um

<sup>32</sup> DENZINGER, 800. Apud *Catecismo da Igreja Católica*. p. 307.

<sup>33</sup> KRESS, H. *Ética médica*. p. 209.

<sup>34</sup> *Ibid.*, p. 209-210.

<sup>35</sup> *Ibid.*, p. 210.

<sup>36</sup> *Gaudium et Spes*, n. 41.

<sup>37</sup> *Evangelium Vitae*, n. 139.

‘programa’ bem definido, e com um fim intrínseco próprio, que se manifesta no nascimento de cada criança”.<sup>38</sup> A partir do reconhecimento humano é que “o ser humano deve ser respeitado e tratado como pessoa desde a sua concepção e, por isso, desde esse mesmo momento devem ser-lhe reconhecidos os direitos da pessoa, entre os quais e antes de tudo, o direito inviolável de cada ser humano inocente à vida”<sup>39</sup>

Na perspectiva do embrião no contexto histórico da Igreja, é possível entender que o discurso teológico, à medida que vai avançando, apresenta a preocupação de defender a afirmar a dignidade humana presente em todo o evento da vida humana, que vai desde a fecundação até a morte. Defender um ser humano como um todo é defender sua dignidade.

## Considerações finais

As questões relacionadas ao início da vida, como também os valores, estão presentes nas decisões a respeito de inúmeras questões contemporâneas emergentes do desenvolvimento da biologia.

Pelo que podemos perceber nesta reflexão, as Sagradas Escrituras não têm o suporte ou a noção científica de que a vida começa na fecundação. Até porque não havia o suporte biológico e o conhecimento dos gametas feminino e masculino.

O desenvolvimento do conhecimento moderno da biologia projetou luzes sobre os conceitos filosóficos e teológicos sem que fossem perdidos os fundamentos da teologia da revelação. Por outro lado, os elementos da revelação podem ser uma forma de ajuda para recuperação referencial da ontogênese da pessoa humana desde a fusão dos gametas.

A discussão do conceito de vida por outros caminhos do saber, quaisquer que sejam, é abrir-se para o aprendizado dialógico. No entanto, é necessário que a discussão seja um pensar teológico, e o pensar teológico tem a função e a hipótese científica. A hipótese científica é tornar e fornecer uma explicação inteligível, apresentando razões e motivos que permitam às pessoas compreender o mundo em que vivem, procurando agir nele de modo coerente com os valores que foram construídos passo a passo na história do pensamento e do desenvolvimento humano.

---

<sup>38</sup> *Dignitas Personae*, n. 4.

<sup>39</sup> *Ibid.*

Assim como as teorias científicas não são absolutas, as reflexões teológicas podem ser aprimoradas e postas como conhecimento provisório para um determinado período. “A revelação divina é imperfeita e, por isso, está sujeita a um contínuo e indefinido progresso, o qual corresponde ao progresso da razão humana.”<sup>40</sup> Esta é nossa proposta para percebermos que, mesmo não tendo o conceito próprio de embriologia, os textos antigos e sagrados expressam o reconhecimento da dignidade da vida humana no início. Por isso remetemos nossa atenção aos escritos antigos, à Bíblia e à filosofia para apresentar elementos onde aparecem nuances de reconhecimento que atribuem todo respeito e dignidade moral ao ser humano desde o início.

## Bibliografia

AQUINO, Filipe. *Aborto nunca*. São Paulo: Canção Nova, 2005.

*BÍBLIA DE JERUSALÉM*. São Paulo: Paulus, 2009.

BOURGET, Vincent. *O ser em gestação; reflexões bioéticas sobre o embrião humano*. São Paulo: Loyola, 2005.

*CARTA A DIOGNETO*. Petrópolis: Vozes, 2003.

*CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA*. São Paulo: Loyola, 2009.

*CONCORDANTIA DISCORDANTIUM CANONUM*. Disponível em: <<http://www.vatican.va>>. Acesso em: 6 maio 2009.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Texto-base Campanha da Fraternidade. São Paulo: Salesiana, 2008.

DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007.

*DIDAQUÉ*; o catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje. São Paulo: Paulinas, 2007.

*DICIONÁRIO BÍBLICO TEOLÓGICO*. Petrópolis: Vozes, 1984.

*DIGNITAS PERSONAE*. Nº 1 Brasília: Edições CNBB, 2008.

*GAUDIUM ET SPES*. Decreto sobre a atividade missionária da – Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulinas, 2005.

JOÃO PAULO II. *Evangelium Vitae*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1995. (Coleção A voz do papa, n. 139.)

KRES, Hartmut. *Ética médica*. São Paulo: Loyola, 2008.

PESSINI, L.; BARCHIFONTAINE, Cristiam de Paul (org.). *Problemas atuais em bioética*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

---

<sup>40</sup> *Sílabo* 2905 Pio IX. Apud *Catecismo da Igreja Católica*. p. 98.

RUBIO, Alfonso Garcia. *Unidade na pluralidade; o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulus. 2001.

SANCHES, Mário A. *Bioética, ciência e transcendência*. São Paulo: Loyola, 2004.

SGRECCIA, Elio. *Identidade e estatuto do embrião humano*. Bauru: Edusc, 2007.

SOUZA, JOSÉ N. O destino do homem no plano de Deus. *Pístes & Práxis* 1 (2009) 125.